



QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE: GISELE CASTRO A PRIMEIRA PROFESSORA TRANSEXUAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Autor (1); Ronaldo Rodrigues Coelho Júnior¹

Universidade Federal da Paraíba – Centro de Ciências Agrárias, Campus II, juniocr@hot.com

RESUMO: Diante de todas as discursões e problematizações que vêm emergindo sobre a questão gênero e sexualidade e sabendo que travestis e transexuais têm sido objeto de estudo nos últimos 20 anos, o presente trabalho teve como objetivo pesquisar como se deu o pioneirismo da transexual Gisele Castro enquanto primeira professora universitária da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no campus II o Centro de Ciências Agrárias (CCA). O Brasil ocupa um lugar de destaque e negativo na estatística mundial, como primeiro país no mundo em termos de violências e crimes contra os sujeitos travestis e transexuais. Para a realização desta pesquisa foram feitas entrevistas qualitativas exploratórias entres os dias 19 e 20 de março, buscando conhecer um pouco da percepção da entrevistada sobre o tema, bem como, compreender os diferentes aspectos de sua trajetória profissional no referido campus como professora transexual. Gisele Castro não reconhece um preconceito explícito em seu local de trabalho, nem por parte de docentes e nem de discentes, mas acredita na possibilidade de um preconceito velado, no que tange a sua condição existencial, evidenciando a necessidade de que mais mulheres transexuais tenham oportunidades e assumam cargos notórios em nossa sociedade, na tentativa de construir de forma plural e democrática, as categorias incompreendidas existentes socialmente e culturalmente construídas.

Palavras-chaves: Transgênero, Transexualidade, Docência, Ensino superior, UFPB.

¹ Orientador: Wilson José Félix Xavier, Professor Adjunto da Universidade Federal da Paraíba.



1. INTRODUÇÃO

Desde o século passado Areia se destaca pelos seus aspectos culturais e econômicos, como os engenhos e o seu legado de prédios históricos. Situado na mesorregião do Brejo paraibano. Areia se destaca igualmente pelo seu sistema educacional de nível superior: em meados do século XX, o município passa a abrigar a Escola de Agronomia, hoje integrada à UFPB, fixando mestres e estudantes na localidade. Sendo assim, Areia abriga atualmente uma das mais tradicionais Universidades Federais do Brasil: o Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal da Paraíba. De acordo com o site da própria instituição o Centro de Ciências Agrárias (CCA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), foi criado no dia 12 de março de 1934, através do Decreto Estadual nº 478 e federalizado no ano de 1951, sendo inicialmente denominado Escola de Agronomia da Paraíba, e, posteriormente, Escola de Agronomia do Nordeste constituindo-se na primeira instituição de nível superior da Paraíba (CENTRO..., 2016)

O campus II hoje assim é (re) conhecido pelo seus cursos, Agronomia, Zootecnia, Ciências

Biológicas, Veterinária e Química, cujos estudantes vêm de toda a Paraíba e do Brasil. O CCA foi por muitos anos um centro acadêmico preferencialmente masculino. Inicialmente e durante muitos anos só existiam os cursos de Agronomia e Zootecnia. Com o passar do tempo outros cursos foram sendo instalados em novos contextos sócio-culturais, e assim, o paradigma de gênero a dominação do masculino sobre o feminino aos poucos vem sendo confrontado, sublinhando-se que, nos dias atuais a disputa pelas vagas de professores (as), bem como, os cargos dirigentes apresentam uma tendência à igualdade numérica, o que não significa dizer que não haja eventuais diferenças de tratamento relativas ao gênero dos (as) docentes.

Diante desse contexto, podemos dizer que o conceito de gênero é fundamental para este estudo, entendendo-se aqui que:

O conceito de gênero se baseia na distinção entre sexo e gênero: gênero é definido como uma construção social, histórica e cultural das diferenças baseadas no sexo [...] ninguém é naturalmente homem ou mulher, masculino ou feminino, pois estes significados são socialmente construídos através do processo educacional que molda as identidades de sexo e



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

gênero (CARVALHO, 2004, p.1) ”.

Logo, todas as “pessoas cujas identidades de gênero são construídas em conflito com as normas de gênero, fundadas no dimorfismo sexual, segundo o qual só existiriam corpos naturalmente de machos ou de fêmeas” seriam incluídas na categoria comumente denominada de transgênero, a qual é citada por Carvalho, Andrade e Junqueira (2009), como uma categoria que “inclui travestis, transexuais, intersexos, andróginos, transformistas etc.” Desse ponto de vista, a sexualidade tem grande relevância no desenvolvimento e amadurecimento da vida psíquica dos indivíduos, sendo,

[...] entendida como algo inerente, que se manifesta desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento. Além disso, sendo a sexualidade construída ao longo da vida, encontra-se necessariamente marcada pela história, cultura, ciência, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se então com singularidade em cada sujeito [...] (ABREU et al, 2001, p.41)

Seguindo uma corrente totalmente contrária ao passado profissional e heteronormativo do Centro de Ciências Agrárias, campos II, surge Marcio de Castro, que, após longo processo de transição de gênero, assumiu a identidade

feminina sendo assim uma transexual que passa a adotar o nome social de “Gisele Castro”, atual professora e coordenadora do curso de veterinária, nesta instituição.

É preciso ressaltar que transexuais e travestis têm um passado histórico relacionado à questões de marginalidade e, por vezes, de prostituição, sendo esse passado concreto ou realizado no imaginário social. Esses grupos são, por esses motivos, vinculados no senso comum à ideia de “promiscuidade”. Durante muitas décadas a sociedade tem relacionado esses grupos às práticas de prostituição como um modo de sobrevivência, e, de fato, muitos travestis e transexuais acabam enveredando por esse caminho, justamente pela falta de opções sociais impostas pelo preconceito e estigmatização de uma sociedade conservadora. Em seus estudos, Torres (2012) aponta que

Os sujeitos em conflito com as normas de gênero são marcados por estigmas que os constituem como um grupo de outsiders, isto é, aqueles que podem provocar repulsa, nojo, ódio, enfim, são considerados como portadores das piores características eleitas em determinados contextos sociais e históricos

Pensando neste sentido os *outsiders* se tornam alvos fáceis e totalmente passíveis de rechaços, chegando ao ponto de privações

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



personais e profissionais. Já Barbosa (2010) nos diz que muitos foram os trabalhos realizados com travestis e transexuais nos últimos anos e que vêm abordando temas complexos como DST's, violência de gênero, a prostituição, a ambiguidade de gênero em voga na sociedade entre outros. Porém, todos estes estudos não buscam abordar o processo de transição e aceitação de um sujeito enquanto adequação de gênero no âmbito institucional acadêmico para possíveis professores transexuais. Em posse da literatura disponível é claramente perceptível a necessidade de mais elucidação sobre a temática. Assim sendo, se torna indispensável a pesquisa para a compreensão de como se deu o pioneirismo da transexual Gisele Castro, como a primeira professora universitária da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sabendo-se que o Brasil ocupa a triste estatística de primeiro lugar mundial em crimes cometidos contra homossexuais e transgênero. Já o estado da Paraíba aparece no ranking nacional de 2013, como o segundo estado brasileiro com maior número de agressões a esses grupos (UOL, 2013).

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

A pesquisa foi realizada em várias entrevistas realizadas no mês de março de 2016. Os encontros para as entrevistas ocorreram na sala da coordenação do curso de veterinária, localizada no Centro de Ciências Agrárias (CCA) Universidade Federal da Paraíba (UFPB), campus II. Cabe dizer que a pesquisa é de abordagem é qualitativa, exploratória, e pode ser classificada como um estudo do caso. De acordo com André (p. 16), o estudo de caso não é um método específico, mas um tipo de conhecimento: estudo de caso não é uma escolha metodológica, mas uma escolha do objeto a ser estudado. Uma questão fundamental, segundo esta autora é o conhecimento derivado do caso, ou melhor, o que se aprende ao estudar o caso. Assim, enquanto abordagem qualitativa, não buscou enumerar ou medir eventos e nem empregar instrumentos estatísticos para análise de dados (NEVES, 1996). Desse modo, buscando apenas entender os fenômenos segundo informações coletada, que foram divididas em dois tópicos: entendimento e conhecimento sobre a temática. O sujeito da pesquisa - Gisele Castro -, possui graduação e mestrado em medicina veterinária pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro entre (2002/2005), e Doutorado em biotecnologia pela Universidade Federal da Paraíba (2015) Atualmente professora Adjunta I na (UFPB/CCA), vem administrando a coordenação do



curso de Medicina Veterinária e há 10 anos leciona na área de Patologia geral, Patologia especial e Oncologia Animal. Os dados recolhidos na pesquisa, por meio de entrevistas temáticas, foram discutidos e analisados, interpretados e confrontados com o referencial teórico do trabalho.

4. RESULTADOS ACERCA DA PERCEPÇÃO E CONHECIMENTO SOBRE SEXUALIDADE E GÊNERO

Os dados colhidos em entrevistas temáticas atendiam basicamente a dois interesses diferenciados dentro do estudo em questão: primeiro, abordar um caso-limite particular para compreender o pioneirismo de um posicionamento docente. Segundo, buscar elucidar uma questão mais ampla – os diferentes aspectos que envolvem a atuação docente de travestis e transexuais no mundo acadêmico -, por meio de um caso particular.

Entendendo que sexualidade é intrínseca às questões de gênero, questionamos inicialmente o quê a entrevistada compreendia por sexualidade e por gênero, ao que esta respondeu:

Sexualidade eu compreendo como um comportamento de atração física independente de gênero, Gênero eu intendo como uma divisão biológica, como o homem e uma mulher, sexo masculino e sexo

feminino, sexualidade ela é muito variável, com relação ao gênero (CASTRO, 2016, Entrevista concedida em .. data.19 de marco).

Ao se referir às questões de sexualidade e gênero, as discussões são, muitas vezes, as mais polêmicas, porque, envolvem muito mais que conceitos científicos diversos: referem-se, geralmente, a conceitos dogmáticos, especulativos, preconceituosos, limitados e conservadores, que são ignorados e tratados como superficial ou desconsiderável. Tendo em vista essa reflexão tornaram-se fundamentais as perguntas subsequentes, que diziam respeito à percepção da entrevistada quanto ao seu gênero, e acerca da realização ou desejo de ocorrência de uma cirurgia de readequação sexual. Sobre esses pontos a entrevistada se expressou da seguinte maneira:

Transexual, porque desde da hora que eu acordo e que eu vou dormir eu me comporto como uma mulher, eu me vejo no espelho e eu não consigo pensar em outra imagem a não ser de uma mulher, sendo assim eu não poderia me definir de outra forma, a não ser uma mulher transexual, apesar de não ter feito a cirurgia de readequação de sexo.”
Não fiz, e atualmente eu não sinto a necessidade de fazer a cirurgia, porém a tempo as traz eu não tinha vontade de pôr silicone nos seios, no entanto hoje eu tenho próteses, nos



seios, as coisas mudam muito e estão sempre mudando e você vai se adequando, mais pode ser que no futuro eu sinta à vontade ou necessidade de passar por mais este processo, mais neste momento não. Por que os exemplos e depoimento que tiver oportunidade de saber não foram os dos mais agradáveis e estes resultados que não cabe mencionar aqui me assusta um pouco (CASTRO, 2016, Entrevista concedida em 19 de março).

A definição do ser uma travesti ou uma transexual é uma das perguntas mais polêmicas no universo das comunidades LGBTT no que se refere à classificação de pessoas transgênero. Sendo assim, cabe uma reflexão sobre o valor que a cirurgia chamada de transgenitalização ou compreendida também como mudança de sexo e readequação sexual, traz para diferenciar travestis e transexuais. Nessa direção, Benjamin (apud BARBOSA, 2010) diz-nos que:

[...] as diferenças básicas entre travesti e transexual encontra-se na relação que cada qual mantém com seus respectivos órgãos genitais e com desejo da cirurgia de transgenitalização: enquanto travestis não desejam esta cirurgia e sentem prazer com o órgão genital, as transexuais desejam e sentem desconforto e “profunda infelicidade” em relação ao seu órgão genital [...] (p. 25).

De acordo com a literatura específica sobre o tema, sabemos que a transexualidade é uma problemática antiga, contudo, com o avanço das técnicas cirúrgicas, e a possibilidade, legal, ética e estética de fazer a cirurgia, tem impulsionado as transexuais a procurarem profundamente a realização do procedimento que pode abolir a chamada discordância sexual. Conforme Pinto (2008) “Estimativas sugerem que no mundo cerca de um em cada 30.000 homens adultos buscam a cirurgia de transgenitalização” (p. 48).

5. RESULTADOS SOBRE GÊNERO E MUNDO DO TRABALHO

Conforme mencionado anteriormente neste artigo, travestis e transexuais têm sido vistas, ao longo da história, como figuras marginalizadas, inclusive, no momento atual, sendo ainda um tema que causa muitas polêmicas. Este preconceito com profundas raízes históricas e sócio-culturais obscurece os diversificados aspectos inerentes a esses grupos, bem como, provoca o não-reconhecimento da identidade das travestis/transexuais como uma condição existencial, sendo um dos maiores problemas para que estes sujeitos possam conquistar os seus direitos, o que significa, dentre outras coisas, ter um trabalho formal e ser respeitado. Partindo dessas reflexões é que surgiram outros questionamentos à entrevistada.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Perguntamos como esta percebia a recepção a de outras (os) profissionais à sua chegada no campus, e se havia sofrido algum tipo de preconceito. Questionamos igualmente como ela percebeu a recepção dos estudantes, e se houve da parte destes, rejeição ou aceitação à sua presença enquanto profissional da instituição. A seguir, selecionamos um extrato da entrevista que aborda essas questões:

Então... A recepção como a profissional não tive o menor problema, isso se falando de ser professora da veterinária, e de esta com cargo administrativo de coordenadora do curso de veterinária, neste quesito eu nunca tive problema algum, porém acho que pode ser pelo meu cargo dentro da instituição. E o CCA é um centro conservador, quando estamos inseridos em um centro conservador, acabamos caindo em um problema que os mesmos acabam por não respeitar o seu direito de ser quem você é, e acaba não aceitando o seu nome social por exemplo, pessoas que não aceitam seu modo de vestir e ser como você é e não como a sociedade acha correto, nunca tive nada a relatar, mais talvez seja uma atribuição do cargo que ocupo, talvez seja por isso este respeito. Por ter mais visibilidade e sugere respeito. Não, nunca tive problemas dentro da instituição, não, nada assim declarado, se houve foi algo que não chegou ao meu conhecimento.

Aceitação o que você chama de aceitação, mais a maior dificuldade é forma de

tratamento, professor(a), Profess(or), masculino, feminino, única dificuldade que eles sentem, alguns chamam depois erram, uns pedem desculpas outros simplesmente fingem que não falou, outros ficam sem graça e pedem desculpas (CASTRO, 2016, Entrevista concedida em 20 de março).

De acordo com o relato da entrevistada, não houve por parte de discentes e docentes nenhum tipo de discriminação explícita, porém, não descarta a possibilidade de preconceitos ocorridos na sua ausência, já que, enquanto “centro conservador”, tudo indica que sua posição social dentro da instituição – como professora e coordenadora do curso de Veterinária -, parece influenciar no tratamento que lhe é concedido por seus pares profissionais e estudantes.

Esses relatos de experiência nos fazem pensar como numa sociedade capitalista complexa como a nossa, as questões de gênero estão intimamente relacionadas com outras questões mais estruturais, como os valores culturais, o status social e até mesmo o aspecto econômico. Todas essas dimensões podem interferir, por exemplo, na questão da identidade de travestis/transsexuais, como merecedoras ou não de reconhecimento e respeito.

Entretanto, é preciso reconhecer juntamente com Santos (1994), que, embora tenham



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

consistência, as identidades podem ser renováveis e, na maior parte das vezes, encontram-se demarcadas pelo reconhecimento e pela constatação das diferenças. Nesse sentido, nos interessou abordar com a entrevistada a questão do nome social², buscando compreender a sua utilização no trabalho e a experiência dessa alteração. Segundo Gisele Castro:

O emprego do nome social sempre foi minha vontade, porém, apenas ter vontade, muitas das vezes, não basta, se você não tiver uma lei que lhe assegure que te apoie e te sustenta, muitas das vezes você fica apenas na vontade, desta forma ficando a mercê das pessoas, ou lhe chamam pelo o nome ou simplesmente ignoram seu pedido, e vão de acordo com que acharem, mas quando você tem um lei com base em um resolução interna da instituição as pessoas tem que aceitar com base neste lei deste modo o tratamento pessoa sai de cena e se torna um tratamento impessoal, desta forma eu peguei uma lei, uma resolução interna da UFPB que autoriza o uso de nome social, para sujeitos Transexuais, desta forma abriu um processo na instituição e encaminhei para o órgão responsável, porém ainda não obtive resposta sobre meu processo, mais a resposta aqui no centro, quando tiveram conhecimento da abertura

² Nome social é o nome pelo qual pessoas trans e travestis preferem ser chamadas cotidianamente, em contraste com o nome oficialmente registrado que não reflete sua identidade de gênero.

deste processo, foi imediato, talvez pelo motivos delas saberem que existem uma resolução e que a mesma foi aprovada em conselho superior da instituição, elas respeitam e imediata mudam seu comportamento, coisa que talvez sem esta resolução isso não fosse possível (CASTRO, 2016, Entrevista concedida em 20 de março).

É preciso esclarecer que, na tentativa de contemplar as múltiplas identidades das pessoas que compõem a instituição, e que, porventura, sofrem preconceitos, a UFPB aprovou no dia 12 de dezembro de 2013 uma Resolução de nº. 39/2013 que “Aprova a utilização do nome social por Discentes, Servidores Técnico-Administrativos e Docentes no âmbito da Universidade Federal da Paraíba e dá outras providências.” Que em seu artigo primeiro diz que:

§ 1º Nome social é o modo como a pessoa é reconhecida, identificada e denominada na sua comunidade e no meio social, uma vez que o nome oficial não reflete sua identidade de gênero ou possa implicar em constrangimento (UNIVERSIDADE..., 2013)

O respaldo legal para a utilização do nome social na UFPB, é de fundamental importância para os (as) transgêneros (as) que lutam pelo reconhecimento de suas



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

identidades e de seus direitos. Assim, tentamos compreender junto com a entrevistada como foi a recepção dos colegas profissionais à mudança do nome, ou seja, se foi aceito ou não no cotidiano acadêmico, conforme prevê a regulamentação legal. Nesse tocante, a entrevistada nos disse que:

Estas mudanças ocorreram gradativamente a modo que eles foram se acostumando aos poucos, entretanto, a pior mudança foi com relação com as roupas totalmente femininas e o silicone nos seios, por que todos já me conheciam, porém era numa condição de homossexual extremamente afeminada, esta mudança não foi tão brusca. Mais a maior dificuldade mesmo sempre foi com o nome mesmo (CASTRO, 2016, Entrevista concedida em 20 de março).

Nas entrelinhas das representações e meórias de Giselle Castro ressoa ainda a realidade de muitas dificuldades e interditos de outras (os) travestis e transexuais nos seus ambientes de trabalho, posto que esta realidade é resultante do fato de estas cidadãs serem discriminadas e segregadas, uma vez que a elas tem-se negado - ou severamente limitado - seu acesso aos espaços públicos (KULICK, 2009). Muitas vezes os sujeitos transgêneros encontram dificuldades também na escola, não conseguindo concluir uma formação básica como o ensino fundamental, conforme foi constatado nos estudos de Rodrigues;

Coelho Júnior e Caleb (2015), que vem nos dizer que:

[...] diariamente pessoas que vivenciam a transexualidade são expulsas de seus lares e discriminadas pela sociedade e não têm a oportunidade de acesso às escolas e ao ensino regular e desta forma, os lugares de prostituição se constituem enquanto cenários de socialização e oportunidades de inserção no mercado de trabalho informal [...] (COELHO JÚNIOR E CALEB, 2015).

Diante do exposto, colocamos em evidência o pioneirismo da atuação de Giselle Castro, como última questão para os limites deste trabalho. Nesse sentido, perguntamos acerca da sua autopercepção da importância para UPFB/CCA deste seu pioneirismo, sendo a primeira mulher Transexual a ser professora desta instituição. Nas palavras da entrevistada, percebe-se o destaque para a sua atuação política não do ponto de vista de participação militante, mas da exemplaridade para outros (as) transgêneros:

O que eu quero muito contribuir é para dar exemplos, por eu não fazer parte de militância, não sou associada a nenhum grupo LGBT, não por que eu não quero ou por que não acredite, mais é que eu tenho muito afazeres, felizmente como professora, coordenadora administrativa e como veterinária do nosso hospital veterinário além,



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

ainda ter que orientar alguns alunos nos projetos de TCC, eu tenho muitos atributos não me sobrando tempo algum, mais, o meu exemplo na instituição de ter chegado ao cargo que cheguei, ter conseguido concluir tantas etapas importante de minha vida profissional, como mestrado, doutorado e ainda almejo o pós doutorado, eu espero que sirva de forma positiva para que as pessoas transexuais pense, se ela conseguiu eu também posso conseguir, neste sentindo eu penso que quanto mais alunos, professores transexuais nós tivermos nas instituições de ensino tanto superior quantos as instituições de ensino médio, melhor será porque assim a sociedade começara a ver como uma normalidade, mais sempre que me chamam para alguns eventos sobre a temática e que eu estou com algum tempo livre eu vou participo com a intenção de estimular as pessoas ali presente, por que gênero e sexualidade não é a minha área profissional, embora eu as vezes leio sobre a temática, mais como já mencionei meu tempo é curto para isso, sendo assim a forma que eu posso colaborar e meu exemplo de vida na prática de sentir na pele como uma transexual (CASTRO, 2016, Entrevista concedida em 20 de março).

6. CONCLUSÃO:

A incessante busca por respostas e possível compreensão sobre as questões de gênero e sexualidade motivou esse trabalho, porém, não tivemos a pretensão de estabelecer respostas definitivas para essas inquietações. Diante de todas as dificuldades que sabemos

que as transexuais vivem no Brasil e no mundo, torna-se imprescindível compreender como são as possíveis trajetórias de docentes transexuais e/ou transgêneros no mundo acadêmico, como é o caso da história profissional de Gisele Castro: a primeira professora transexual da Universidade Federal da Paraíba. Nesse caminho de mudanças dentro da instituição, Gisele Castro não reconhece um preconceito explícito em seu local de trabalho, nem por parte de docentes e nem de discentes, mas acredita na possibilidade de um preconceito velado, no que tange a sua condição existencial. Acreditamos que, no presente caso, a maior ou menor aceitação da identidade de gênero de Gisele Castro no centro em que trabalha, está diretamente relacionada às funções sociais que exerce/ocupa, como professora universitária e Coordenadora do curso de Veterinária, indicando que o entendimento das questões de gênero deve relacionar-se, igualmente, com outras questões, tais como o status social, os papéis sociais assumidos e o exercício do poder.

Certamente, o lugar social (de destaque) ocupado por Gisele Castro diz muito da qualidade de suas interações sociais, o que torna sua ascensão notória dentro de uma instituição reconhecidamente de excelência em ensino, pesquisa e extensão no Estado da Paraíba, bem como uma instituição bastante conseqüentadora. Respeitada e admirada por seus pares e alunos (as) por sua competência e profissionalismo, chegamos a conclusão que faz-se necessário que mais mulheres transexuais tenham oportunidades de assumir cargos socialmente relevantes, em nossa sociedade, na tentativa de construir um espaço social de forma mais plural e democrática, que possa acolher grupos minoritários e hoje discriminados sócio-culturalmente.

AGRADECIMENTOS:

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Foi com muito carinho e admiração que construímos este trabalho primeiramente necessitamos agradecer a Gisele Castro por ter se disponibilizado sempre com muita paciência todas as vezes que lhe interrogamos, apesar de seu tempo ser bastante escasso. Em segundo lugar eu não poderia deixar de agradecer ao meu Professor Orientador, Wilson Xavier que sempre com muita calma e maestria nos conduz nesta difícil tarefa de produção científica.

REFERENCIAS:

ABREU et al. **Orientação Sexual - Secretaria de Educação** Fundamental. Ministério da Educação, Brasília, 2001

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. 3 ed. Brasília: Liber Editora, 2008 (Série Pesquisa, vol. 13).

BARBOSA, Bruno Cesar. **Nomes e diferenças: uma etnografia dos usos das categorias travesti e transexual**. 2010. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

CARVALHO; ANDRADE; JUNQUEIRA. **Gênero E Diversidade Sexual** – um glossário. João Pessoa-PB: Editora Universitária, 2009.

CASTRO, Gisele. **Entrevista**. Areia-PB, Centro de Ciências Agrárias, 19 mar, 2016. Entrevista Concedida a Ronaldo Rodrigues Coelho Júnior.

_____. **Entrevista**. Areia-PB, Centro de Ciências Agrárias, 20 mar, 2016. Entrevista Concedida a Ronaldo Rodrigues Coelho Júnior.

CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS. A Instituição. Disponível em Acesso em:

<http://www.cca.ufpb.br/instituicao2.htm>. Acessado em 12/02/2016

DE CARVALHO, Maria Eulina Pessoa. Pierre Bourdieu sobre gênero e educação. *Revista Ártemis*, n. 1, 2004.

KULICK, D. **Travesti: Prostituição, Sexo, Gênero E Cultura No Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2008.

NEVES, J. L. Pesquisa Qualitativa: Características, Usos E Possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração**, São Paulo, 1(3), 2, 1996.

PINTO, M. J. C. **A Vivência Afetivo-Sexual De Mulheres Transgenitalizadas**. 2008. Tese de doutorado não publicada, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP.

COELHO JÚNIOR, Ronaldo Rodrigues; CALEB, Ciro Gomes. **QUESTÕES DE GÊNERO: PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES A RESPEITO DO TEMA TRANSGÊNERO/TRANSEXUALIDADE EM UMA ESCOLA DO BREJO PARAIBANO**. Editora realize: Conedu. Campina Grande, v. 45, n., p. 1-12. 17/10/2015. Anual. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV045_MD1_SA11_ID4858_08092015173410.pdf. Acesso em: 25/03/2016

SANTOS, Boaventura. **Pela mão de Alice**. O social e o político na pós-modernidade. Lisboa: Afrontamentos, 1994.

TORRES, Marco Antonio. A Transformação De Professoras Transexuais Na Escola: Transfobia E Solidariedade Em Figurações Sociais Contemporâneas. **Revista Cronos**, v. 11, n. 2, 2012

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

UNIVERSIDADE FEDERAL DA
PARAÍBA. **Resolução nº. 39/2013.**
Disponível em
[http://www.ufpb.br/sods/consuni/resolu/2013/
Runi39_2013.pdf](http://www.ufpb.br/sods/consuni/resolu/2013/Runi39_2013.pdf) Acessado em 25/03/2016

UOL NOTÍCIAS. **Cotidiano.** Brasil tem uma
morte de homossexual a cada 26 horas, diz
estudo. Disponível em
[http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-
noticias/2013/01/10/brasil-e-pais-com-maior-
numero-de-assassinatos-de-homossexuais-uma-
morte-a-cada-26-horas-diz-estudo.htm](http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/01/10/brasil-e-pais-com-maior-numero-de-assassinatos-de-homossexuais-uma-morte-a-cada-26-horas-diz-estudo.htm) Acessado
em 24/03/2016

